TERRITORIALIDADES DE FRONTEIRA(S): UMA ANÁLISE DA REALIDADE SOCIOESPACIAL DE PORTO MURTINHO (BR)/PERALTO CARMELO (PY) A FUERTE OLIMPO (PY)

BORDER(S) TERRITORIALITIES: A SOCIO-SPACIAL REALITY ANALYSIS, FROM PORTO MURTINHO (BR)/PERALTO CARMELO (PY) TO FUERTE OLIMPO (PY)

TERRITORIALIDADES FRONTERIZAS: UN ANÁLISIS DE LA REALIDAD SOCIOESPACIAL, DESDE PORTO MURTINHO (BR)/PERALTO CARMELO (PY) HASTA FUERTE OLIMPO (PY)

Claudia Marques Roma
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
claudiaroma@ufgd.edu.br

Débora Egda da Silva Cruz
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
debora.cruz071@academico.ufgd.edu.br

Leonardo Martins Maior
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
leonardo.maior052@academico.ufgd.edu.br

Destaques

- Ao navegar pelas águas do Rio Paraguai, fez-se necessária uma parada para pernoite.
- O território produzido/reproduzido no recorte territorial de análise perpassa pelo Estado e pelas Gentes dos mais diversos Entre-Lugares, o Rio Paraguai opera como elemento central na compreensão das dinâmicas socioespaciais e as cidades gêmeas apresentam uma articulação em rede.
- O olhar e o percurso do(a)s pesquisadores, professores e aluno(a)s e das gentes e agentes dos lugares se cruzavam na análise das práticas espaciais fronteiriças.
- A observação no campo perpassou pela paisagem do Rio Paraguai, visto/percebido, mas essa paisagem interage e se materializa com o fluxo de navegação das mercadorias (lícitas e ilícitas), do capital e das gentes e ainda demarca a linha de fronteira internacional.

RESUMO

As análises e observações apresentadas nesta nota referem-se ao Trabalho de Campo realizado na fronteira entre Brasil-Paraguai, no trecho da zona de fronteira situado entre as cidades gêmeas de Porto Murtinho (BR)/Peralto Carmelo (PY) e a cidade de Fuerte Olimpo (PY) – especificamente, na comunidade indígena Ayoreo (PY); Puerto Guarani (PY); comunidade indígena Virgen Santisíma, Pueblo Ishir, Chamacoco (PY); e a cidade de Fuerte Olimpo (PY), localizadas às margens do Rio Paraguai, no Departamento de Alto Paraguay. O trajeto foi realizado por via fluvial, no qual o Rio tornou-se elemento central para a compreensão das diversas e diferentes dinâmicas fronteiriças. Por todo o percurso, objetivou-se compreender as dinâmicas socioespaciais fronteiriças, marcadas por via fluvial; apreender a relação entre corpo, vida e territorialidades de fronteira; conhecer a realidade das comunidades indígenas na linha de fronteira internacional; e, assim, apreender a existência de múltipla(s) fronteira(s). Utilizamos o Trabalho de Campo como procedimento teórico-metodológico, que é, por excelência, o Laboratório do Geógrafo; leituras sobre espaço, lugar, paisagem, território, territorialidade e fronteira; diário de campo; e entrevistas. O território produzido/reproduzido no recorte territorial de análise perpassa pelo Estado e pelas Gentes dos mais diversos Entre-Lugares, o Rio Paraguai opera como elemento central na compreensão das dinâmicas socioespaciais e as cidades gêmeas apresentam uma articulação em rede.

Palavras-chave: Fronteira. Cidades Gêmeas. Rio Paraguai. Trabalho de Campo. Brasil-Paraguai.

ABSTRACT

The analyzes and observations presented in this note refer to Fieldwork carried out on the Brazil-Paraguay border, in the stretch of the border zone located between the twin cities of Porto Murtinho (BR)/Peralto Carmelo (PY) and the city of Fuerte Olimpo (PY) – specifically, in the Ayoreo indigenous community (PY); Puerto Guarani (PY); Virgen Santisíma indigenous community, Pueblo Ishir, Chamacoco (PY); and the city of Fuerte Olimpo (PY), located on the banks of the Paraguay River, in the Department of Alto Paraguay. The journey was carried out by river, in which Rio became a central element for understanding the diverse and different border dynamics. Throughout the journey, we aimed to understand the border socio-spatial dynamics, marked by river routes; understand the relationship between body, life and border territorialities; learn about the reality of indigenous communities along the international border; and, thus, understand the existence of multiple border(s). We use Fieldwork as a theoretical-methodological procedure, which is, par excellence, the Geographer's Laboratory; readings about space, place, landscape, territory, territoriality and border; field journal; and interviews. The territory produced/reproduced in the analysis territorial cutout passes through the State and people from the most diverse Between-Places, the Paraguay River operates as central

element in the socio-spatial dynamics comprehension and the Twin-cities present a web articulation.

Keywords: Border. Twin-cities. Paraguay River. Fieldwork. Brazil-Paraguay.

RESUMEN

Los análisis y observaciones presentadas en esta nota se refieren al trabajo de campo realizado en la frontera Brasil-Paraguay, en el tramo de la zona fronteriza ubicada entre las ciudades gemelas de Porto Murtinho (BR)/Peralto Carmelo (PY) y la ciudad de Fuerte Olimpo. (PY) – específicamente, en la comunidad indígena Ayoreo (PY); Puerto Guaraní (PY); Comunidad indígena Virgen Santisíma, Pueblo Ishir, Chamacoco (PY); y la ciudad de Fuerte Olimpo (PY), ubicada a orillas del río Paraguay, en el Departamento de Alto Paraguay. El viaje se realizó por vía fluvial, en lo cual el Río se convirtió en un elemento central para comprender las diversas y diferentes dinámicas fronterizas. A lo largo del recorrido pretendemos comprender las dinámicas socioespaciales fronterizas, marcadas por los recorridos fluviales; comprender la relación entre cuerpo, vida y territorialidades fronterizas; conocer la realidad de las comunidades indígenas a lo largo de la frontera internacional; y, por lo tanto, comprender la existencia de múltiples fronteras. Utilizamos como procedimiento teórico-metodológico el Trabajo de Campo, que es, por excelencia, el Laboratorio del Geógrafo; lecturas sobre espacio, lugar, paisaje, territorio, territorialidad y frontera; diario de campo; y entrevistas. El territorio producido/reproducido en el recorte territorial de análisis permea el Estado y los Pueblos de los más diversos Lugares-Intermedios, el Río Paraguay opera como un elemento central en la comprensión de las dinámicas socio-espaciales y las ciudades gemelas presentan una articulación en red.

Palabras clave: Frontera. Ciudades Gemelas. Río Paraguay. Trabajo de campo. Brasil-Paraguay.

INTRODUÇÃO

As análises e observações apresentadas nesta nota referem-se ao Trabalho de Campo realizado junto à disciplina “Tópicos Especiais em Geografia”, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e foram realizadas entre os dias 16/06/2023 e 18/06/2023, com o seguinte cronograma: comunidade indígena Ayoreo (PY); Puerto Guarani (PY);

comunidade indígena Virgen Santisíma, Pueblo Ishir, Chamacoco (PY); ciudad de Fuerte Olimpo (PY), locais situados às margens do Rio Paraguai, no departamento de Alto Paraguay, limite entre Chaco e Pantanal. O trajeto foi feito por via fluvial através de barco hotel. Nesse percurso, o Rio tornou-se elemento central para compreensão das diversas e diferentes dinâmicas.

A comunidade indígena Ayoreo se divide em pequenas comunidades: "Punta Euei, Isla Alta, Punta, Atapi, Tiogai, Nueva Esperanzay Jogasui" (VALDEZ, 2020). As atividades principais são coleta e venda de iscas vivas para o turismo da pesca e produção artesanal.

Ao navegar pelas águas do Rio Paraguai, fez-se necessária uma parada para pernoite. O barco atracou na encosta do Rio para visitar a estância Cerrito, propriedade do filho de um combatente da guerra do Chaco. Na casa, vários artefatos oriundos de outro tempo – da guerra –, marcou o mausoléu de seu pai, o combatente, que adorna o Porto que dá acesso à estância. Assim, a pernoite ocorreu no barco atracado nesse Porto, sob a guarda do velho combatente.

Antes dos primeiros raios de sol iluminarem a paisagem pantaneira, seguiu-se para o próximo destino. Logo cedo chegamos a Puerto Guarany. Percorreu-se as ruas da comunidade, atualmente com 800 habitantes, que tem como principais atividades a pecuária de pequena escala e a venda de iscas vivas para o turismo de pesca. Seu desenvolvimento inicial esteve relacionado à fábrica tanino. O pároco Alejandro, conduziu o grupo pelas ruas e locais de destaque.

Na próxima parada foi na comunidade indígena Virgen Santisíma, Pueblo Ishir, chamacoco, cujos povos são conhecidos como guardiões do Rio, e que também sobrevivem do artesanato e venda de iscas. Na casa da artesã Simeona Chamarra, observou-se os artesanatos, e Simeona explicou como são produzidos, falou da relação de seu povo com o rio – que está um pouco mais distante para eles do que das outras comunidades visitadas –, e relatou como é a vida de quem vive de artesanato. O relato de sua filha destacou como é a vida dos jovens na fronteira.

E, por último, a visita a cidade de Fuerte Olimpo, capital do Departamento de Alto Paraguay, a qual, conforme o Portal de Gobernaciones y municípios, conta com 5.200 habitantes (FUERT OLIMPO, 2023). As professoras Doris Samariago, professora do ensino fundamental, e Adela Suarés do ensino superior, ao serem entrevistada pelo grupo de discentes falaram a respeito da irmandade que sentem com os brasileiros, das relações de acesso aos serviços de saúde entre Brasil e Paraguai, da vida na fronteira, da educação, da segurança e de como gostariam que fossem ainda mais próximas as relações entre os dois países.

Por todo o percurso, o objetivo perpassou por compreender as dinâmicas socioespaciais fronteiriças, marcadas por via fluvial; apreender a relação entre corpo, vida e territorialidades de fronteira; conhecer a realidade das comunidades indígenas na linha de fronteira internacional e, assim, compreender a existência de múltiplas fronteiras.

Com essa compreensão e objetivos, à 1h da madrugada, gelada, do dia 16/06/2023, iniciou-se nosso Trabalho de Campo, que pode ser considerado uma genuína investigação fronteiriça, um mergulhar nas águas, na seiva, no sangue de Gaia, um navegar através de suas veias, e percorrer a rota de navegantes, gentes, agentes e produtos.

O que, para muitos, poderia ser considerado apenas uma simples viagem, um passeio, sob o olhar atento do pesquisador foi um magnífico Trabalho de Campo, no qual perscrutou-se o inaudível, contemplou-se o sublime, viveu-se o que é a morte, principalmente para os fagocitados pelo capital e até ao Estado/nação. Apreendeu-se o limite do humano, do "civilizado" e do capital, o limite do Estado, a beleza pujante da natureza pantaneira, ainda tão viva, acolhedora e hostil, que pulsam a vitalidade da Mãe-Terra aos confins mais longínquos, determinado pela lógica do centro. Vitalidade que permite sonhar com um futuro que seja verdadeiramente humano.

Portanto, essa nota de campo materializa parte do aprendizado realizado pelo grupo na linha de fronteira internacional entre Brasil/Paraguai. Uma região que carece de estudos aprofundados e que apresenta especificidades relacionadas às dinâmicas socioespaciais pela presença do Rio Paraguai, pelo qual, as cidades gêmeas se articulam em rede.

Para o desenvolvimento da nota e apresentação da realidade socioespacial percorrida pelo grupo apresenta-se elementos e dinâmicas relacionadas ao Rio Paraguai em sua condição fronteiriça, as múltiplas fronteiras e considerações finais. Por fim, que essa nota permita ao leitor navegar pelas águas fronteiriças do Rio Paraguai e quiçá embarcar conosco na próxima incursão.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Trabalho de Campo na Geografia, ou seja, na produção do conhecimento geográfico, refere-se a um procedimento teórico-metodológico e é, por excelência, o Laboratório do Geógrafo. Na produção do conhecimento geográfico, o Trabalho de Campo torna-se um instrumento-chave, baseado, sobretudo, na "articulação entre conceitos, teorias e procedimentos metodológicos" (SERPA, 2006, p. 10), principalmente, diante da especificidade da ciência geográfica frente a outras disciplinas.

A especificidade da Geografia consiste no papel central do espaço, no estudo da dimensão espacial da sociedade e da dimensão social do espaço. Portanto, através do Trabalho de Campo, a Geografia tem diversas possibilidades para recortar, analisar e conceituar o espaço em sua dimensão empírica, sem perder a totalidade enquanto dinâmica e processo (SERPA, 2006). Recortar o espaço para aprofundar as questões que se deseja analisar é central para a operacionalização do Trabalho de Campo, exigindo a não separação da teoria e da prática. Para Serpa (2006, p. 10), "essa separação não existe e é um constructo artificial, teoria e trabalho de campo são dois lados da mesma moeda".

Thomaz (1997) apresenta uma discussão na qual destaca que o Trabalho de Campo é por excelência o laboratório do geógrafo e nos cadernos de textos n. 11 da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), diversos textos apontam para importância do Trabalho de Campo para geografia.

Assim, no caminhar, no devir do porvir, o processo de ensino-aprendizagem foi sendo construído/produzido. Na observação *in loco,* nas conversas, a teoria se materializava na realidade socioespacial. O olhar e o percurso do(a)s pesquisadores,

professores e aluno(a)s e das gentes e agentes dos lugares se cruzavam na análise das práticas espaciais fronteiriças.

Enquanto procedimento metodológico, também foi realizado entrevistas semiestruturadas por grupos de discentes e rodas de conversas. Ressalta-se que todas as entrevistas foram gravadas e as assinaturas foram coletadas nos termos de consentimento para uso de imagem e divulgação das entrevistas.

O RIO

Na faixa de fronteira tem-se as cidades gêmeas que representam diversos tipos de interações fronteiriças e essas cidades são "cortadas" pela linha de fronteira que podem serem secas, fluviais com ou sem infraestruturas (GPO DE TRABALHO INTERFEDERATIVO DE INTEGRAÇÃO FRONTEIRIÇA, 2010). Assim, diferente, por exemplo, da fronteira entre Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY), que se caracteriza por uma fronteira seca, ou seja, o acesso se dá pelo transpor de uma rua, o espaço fronteiriço do nosso percurso de campo foi marcado/delineado pelo Rio Paraguai, uma fronteira fluvial até o momento sem infraestrutura de ligação.

O Rio pode ser percebido, em sua dinâmica territorial, como materialidade da(s) fronteira(s), mas, revelou-se, deveras, meio de acesso, integração e, principalmente, característica indelével do espaço e dos modos de vida, consequentemente, plasmador da identidade daquele povo. Por meio dos relatos das pessoas abordadas, foi notória a intimidade com o Rio, o vínculo construído, a fonte de renda, a água, os peixes, o caminho de navegação, de outro modo, o vaso sanguíneo que leva os nutrientes necessários para a continuidade da vida do povo, demarcando múltiplas territorialidades. Isso se percebe nas falas das professoras Adela Suárez e Doris Samariago, moradoras de Fuerte Olimpo, que, quando perguntadas sobre como é viver próximas ao Rio, nos ensinou:

> *É muito benéfico. Um povo que vive às margens de um rio não pode passar fome, porque tem pescados... A natureza está praticamente nas mãos do ser humano. Então é algo muito valioso. Temos água doce à vontade, em grande quantidade,*

> *temos pescado sem nenhum problema, temos a natureza plena... Viver às margens do Rio é uma graça de Deus".*[1]

> *Ah! O Rio Paraguay, para nós, é a maior riqueza. Para nós é algo muito importante porque todo o tempo é navegável. Se não podemos sair por terra ou pelo ar, por diferentes situações, o único que nos salva é o Rio Paraguay. É muito importante porque é um dos rios mais importantes da América do Sul".*[2]

Para José Cutauuraja[3], da comunidade indígena Ayoreo, é "*graças ao rio que estamos aqui perto de Murtinho e do Brasil. E esse trabalho de pescaria, é nisso que trabalhamos*". E como expressa Alejandro[4], em Puerto Guarany, "*o rio é nossa grande riqueza*".

O caminho fluvial percorrido revelou a majestosa beleza da fauna e da flora pantaneira, na figura 1, o pôr do sol, no Rio Paraguai deslumbra a tamanha exuberância reveladora de um mundo com trilhas a serem percorridas. Paradoxo entre sublime natural e o cotidiano do artificial urbano, capaz de levar o ser humano a buscar Delfos.

[1] Entrevista de pesquisa concedida por Adela Suárez, em 2023. Resposta dada em espanhol.
[2] Entrevista de pesquisa concedida por Doris Samariago, em 2023. Resposta dada em espanhol.
[3] Entrevista de pesquisa concedida por José Cutauuraja, em 2023. Resposta dada em espanhol.
[4] Entrevista de pesquisa concedida por Alejandro, em 2023. Resposta dada em espanhol.

Figura 1 - Pôr do Sol, Rio Paraguai.



Fonte: Claudia Marques Roma, 2023.

A observação no campo perpassou pela paisagem do Rio Paraguai, visto/percebido, mas essa paisagem interage e se materializa com o fluxo de navegação das mercadorias (lícitas e ilícitas), do capital e das gentes e ainda demarca a linha de fronteira internacional. Como destaca Ferraz (2010, p.5):

> Interpretar o sentido das coisas/lugares a partir da interação do lugar que se observa, diante do contexto da dinâmica escalar dos fenômenos ali territorializados, com os lugares além do visto/percebido, ou seja, interagindo o complexo de fenômenos percebidos/pensados em suas diversas escalas de manifestações, presenças e ausências.

As águas escondem em sua turbidez tamanha riqueza de vida. Os animais, das mais variadas espécies, que ao barulho dos barcos escondem-se sob a água, como que revelando a existência de um espaço subaquático, às vezes, desconhecido para alguns transeuntes e, ao mesmo tempo, parte da vida de outros.

O barco, principal meio de deslocamento das gentes e das mercadorias, navegam as águas e as curvas fronteiriças do Rio Paraguai, tal como deixam registrado Mario Zan e Arlindo Pinto na canção *Chalana*: “Lá vai uma chalana, bem longe se vai; Riscando o remanso do Rio Paraguai; Oh, chalana, sem querer, tu aumentas minha dor; Nessas águas tão serena vai levando meu amor; E assim ela se foi, nem de mim se despediu; A chalana vai sumindo lá na curva do rio; E se ela vai magoada, eu bem sei que tem razão; Fui ingrato, eu feri o seu meigo coração” (CHALANA, 1943).

Barcos de descolamento da população ribeira, entre uma localidade e outra e entre Brasil-Paraguai, por eles e por esse Rio chegam grande parte dos alimentos, os quais permitem, como destacou-se em vários dos relatos, o deslocamento para acesso aos serviços de saúde na cidade de Porto Murtinho (BR), às vezes, numa condição entre vida e morte. Barcos cargueiros, figura 2, carregados de minérios de ferro, soja e milho, pois o capital também percorre o Rio e suas curvas até Corumbá (BR), circulam chegando ao mar.

Densidade produtiva-econômica que se fortalecerá com a construção da Rota Bioceânica, figura 3. Assim, a linha de fronteira internacional por via fluvial, logo se transformará através da ligação de infraestrutura.

Figura 2 - Rio Paraguai. Barco cargueiro.



Fonte: Anderson Luiz Rodrigues de Oliveira, 2023.

Figura 3 - Construção da Ponte da Rota Bioceânica.



Fonte: Arapuá News (2022)

Com extensão de 2.396 quilômetros, a Rota Bioceânica é um corredor viário que pretende ligar os oceanos Atlântico e Pacífico, por meio dos portos de Antofagasta e Iquique, no Chile, passando por Paraguai e Argentina, encurtando a distância para o transporte de mercadoras até a Ásia, Oceania e Costa Oeste dos Estados Unidos em até 17 dias, além de promover integração entre quatro países da América do Sul: Brasil, Paraguai, Argentina e Chile.

Para as comunidades visitadas, essa obra trouxe e trará benefícios. Como destacou Lydio[5], capitão do barco: "*Já está melhorando. Quando saiu a bioceânica fizeram asfalto, aí gerou muito emprego pra nós. Quando terminar, vai gerar mais emprego. Vai melhorar muito Porto Murtinho e o Paraguai"*. No mesmo sentido, José Cutauuraja[6], da comunidade indígena Ayoreo, apontou: "*Graças à obra da ponte, os indígenas ayorels estão trabalhando. A bioceânica, que já terminou, nessa também tivemos uma resposta favorável para os ayorels"*. E acrescentou: "*Porque [n]aquela*

[5] Entrevista de pesquisa concedida por comandante Lydio , em 2023.
[6] Entrevista de pesquisa concedida por José Cutauuraja, em 2023.

época dava também trabalhos e alguns projetos, como doações (...), por exemplo, de um trator, 'gados', recebemos um pouco de ajuda. Podemos dizer que se trata de uma nova frente pioneira? Conforme pensado por Martins (2009).

Há barcos que, através do turismo da pesca, geram renda, por meio do consumo de iscas vivas, aluguel das embarcações e mão de obra da tripulação. Também notamos em alguns relatos e sinais perceptíveis *in loco*, um "outro lado": a problemática da exploração sexual, principalmente de mulheres indígenas que vivem à beira do Rio Paraguai, filhas de Gaia que têm de vender seus corpos para suprir sua família com o mínimo necessário, servindo a um turismo sexual fantasiado de turismo de pesca.

Nesse Rio, que em seu curso navegam diferentes percursos, os peixes que servem para alegria do turismo de pesca é alimento para tantos fronteiriços, os quais, com suas singelas varas de pescar, ficam à espera, em uma temporalidade distinta dos "tempos modernos", no tempo da natureza, os anzóis que rasgam as águas rumo ao desconhecido, em busca do alimento, porém, às vezes, trazendo apenas os "enroscos".

A água, os peixes e os aguapés percorrem o leito do Rio Paraguai seguindo seu curso, sem conhecer fronteira(s). Mas a linha/limite internacional do Estado também percorre esse leito e demarca, de um lado, o Brasil, de outro, o Paraguai (figura 4 e 5), e, assim, suas respectivas normas e Leis.

Figura 4 - Rio Paraguai. Na margem direita, Brasil, e na margem esquerda, Paraguai.



Fonte:xx, 2023.

Figura 5 - Rio Paraguai e linha internacional Brasil-Paraguai.



Fonte: Google Maps (2023)

FRONTEIRA(S)

As fronteiras são múltiplas e apresentam dinâmicas universais, tais como a existência da linha/limite internacional demarcada pelo Estado/nação que, juntamente com a demarcação de seu território, produz normas e Leis, as quais, no caso brasileiro, podem estar presente no território nacional em sua totalidade e em toda sua extensão fronteiriça. Mas, também, são particulares. A multiplicidade da fronteira entre Brasil-Paraguai se expressa na existência de diferentes tipos de fronteira, como a terrestre (fronteira seca) e a fluvial com ponte e sem ponte, como também nos diversos Entre-Lugares existentes em sua extensão. Cada território fronteiriço, mesmo com características comuns (terrestre, fluvial e fluvial com ponte), apresenta particularidades.

Nesse sentido, na linha internacional Brasil-Paraguai, no trecho entre Porto Murtinho-BR/Peralto Carmelo (PY) e Fuerte Olimpo (PY), tanto o Estado/nação, com suas normas e Leis, quanto os diversos sujeitos e agentes sociais se territorializam, ou seja, uma fronteira produzida/reproduzida na multiplicidade das relações sociais que perpassam o cotidiano as relações transnacionais. Nesse processo as dinâmicas existentes pela demarcação da fronteira internacional entre Brasil-Paraguai se observam que as vicissitudes humanas, desde os povos indígenas, são utilizadas como tampões do território do Estado, mas excluídos socialmente.

As zonas-tampão são zonas estratégicas criadas pelo Estado/nação para restringir/limitar o acesso à faixa de fronteira. Dentre elas está o caso das terras indígenas. Mesmo que haja relação cultural e comercial, a situação cria um "bloqueio" (MACHADO *et al*., 2005). Percebemos que os povos indígenas Aeyoreo e Ishir vivenciam processos excludentes produzidos pelo Estado do Paraguai, para viverem nas áreas mais limítrofes do território. Eles sobrevivem da produção e da venda de suas *artesanias*, um verdadeiro paradoxo em relação ao modelo de produção em massa, figura 5 e 6. Vivem uma relação quase sobrenatural, mística, com o cosmos, com a natureza, r-existem ao pioneirismo.

Para Krenak (2019, p. 17):

> A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a

pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo cardápio e, se possível, a mesma língua para todo mundo.

Figura 5 - Artesanía Ayoedie.



Foto: Claudia Marques Roma, 2023.

Figura 6 - Artesanía Ishir.



Foto: Anderson Luiz Rodrigues de Oliveira, 2023.

Ainda nas observações foi possível perceber o limite estabelecido entre os não-indígenas e indígenas, ambos paraguaios, situação mais facilmente percebida em Puerto Guarany e Fuerte Olimpo, capital do departamento do Alto Paraguay, encontro do Chaco e do Pantanal, nos quais os povos tradicionais estavam situados no ponto mais extremo do território. Outro aspecto que merece realce é a maneira como tais povos são vistos pelos não-indígenas: de modo fantasioso, preconceituoso, vitimados pelo etnocentrismo. Fantasioso devido às estórias antropofágicas envolvendo esses povos; preconceituoso porque são categorizados como preguiçosos e atrasados; quanto ao etnocentrismo, notamos as manifestações do sentimento de superioridade étnica dos demais em relação a eles.

> O eurocentrismo sustenta-se até os dias atuais eliminando a possibilidade de compreender os extermínios de povos e grupos sociais que se constituiu como imanente a construção da razão ocidental como símbolo da civilização. Mente e corpo foi uma das dicotomias da modernidade hierarquizadas por distintos sistemas de opressão, dominação e exploração, notadamente gênero, sexualidade e raça. (PINTO; OLIVEIRA, 2023, p. 283).

Sentimos as mazelas vividas, a precariedade e, sobretudo, a força da r-existência, nas quais a(s) fronteira(s) de civilização, de espaço, de culturas e de visões de mundo, de etnias, de história e, sobretudo, de humanidade, são altamente conflitivas (MARTINS, 1977).

Ainda, a fronteira do Estado, para além de sua demarcação na linha/limite internacional, por meio das políticas de cidadania, pode ser observada em diferentes perspectivas e intensidades. Nos diálogos realizados na comunidade Aeyoreo, de Puerto Guarany até Fuerte Olimpo, as pessoas enfatizaram a necessidade de acesso aos serviços de saúde na cidade de Porto Murtinho (BR). Agostin Duarte[7], ao comentar sobre esse acesso, enfatizou que *"teve muitos casos; casos [em] que a pessoa coloca mais em conta*

[7] Entrevista de pesquisa concedida por Agostin Duarte, em 2023.

o sistema, o sistema obriga a pessoa, a burocracia, a parar a atenção pra indígena, pra estrangeiro, porque ele foi feito para ser para brasileiro". Já Doris[8] destacou:

> *Nós recebemos muitos benefícios, pois, durante muito tempo, gente daqui que estava muito doente tinha que ser transferida para Porto Murtinho, onde encontrávamos, mais rápido, assistência médica. E também umas visitas de médicos brasileiros que vêm de férias, mas vêm fazer um serviço social, desde de cirurgias de olhos a hernias.*

José Cutauuraja, na comunidade indígena Ayoreo, deixou claro que acessa alguns serviços no Paraguay, mas também recorre a Porto Murtinho, principalmente para os atendimentos de urgência. Para Agostin Duarte[9]:

> *Na questão de urgência e emergência, Porto Murtinho sempre foi fundamental, nunca se negou. Tem o porem dos medicamentos, que no Brasil é mais rígido e no Paraguay é mais acessível (...). Aqui atende as pessoas independente da nacionalidade, aqui só temos posto de saúde, aqui em Carmelo (...) A embarcação da marinha brasileira, o tenente Maximiliano, toda vez que vem pra cá, ele atende todo mundo. Serviços de odontologia, consulta medica, são várias.*

Fica evidente a existência de uma política de cidadania no que se refere ao acesso aos serviços de saúde, mesmo que seja na escala local de Porto Murtinho, nas ações de mutirão de saúde ou pela Marinha Brasileira. No entanto, essas políticas ainda necessitam de uma maior efetivação, como observado por Agostin Duarte, e podem ser consideradas na demarcação de fronteira(s).

Outro elemento de destaque, no que se refere à cidadania, foi explicitado nas falas sobre a pandemia da Covid-19, período durante o qual não houve nenhuma política

[8] Entrevista de pesquisa concedida por Doris, em 2023.
[9] Entrevista de pesquisa concedida por Agostin Duarte, em 2023.

de integração nacional, e, na fronteira entre viver, morrer e alimentar, o "cidadão" fronteiriço transformou-se em "contrabandista".

> *Não foi fácil na pandemia. Na pandemia todo virou "traficante" de frutas e verduras etc (...), ficou esse sistema de se esconder para fazer as coisas. E nós contrabandeava verdura, tanto de lá pra cá quanto de cá pra lá (...). Se era descoberto, tinha que ficar em quarentena.*[10]

Assim, as dinâmicas fronteiriças evidenciaram que as cidades gêmeas de Porto Murtinho (BR) e Peralto Carmelo (PY) apresentam uma articulação em rede, na escala nacional, internacional, local e regional, no sentido explicitado por Machado *et al*. (2005) e evidenciado em nossa investigação de campo, como também destacado por Adela Suárez[11]: *"Não precisamos de muito, de qualquer forma, mais ou menos como Murtinho (...) recorremos a Pedro Juan ou Assunção, mas o mais perto é Murtinho (...). Sempre houve essa integração de Alto Paraguay com Mato Grosso*". Nesse caso, a densidade da articulação com Porto Murtinho-BR dar-se-á não somente pela articulação com a cidade de Peralto Carmelo-PY, mas com todo o Alto Paraguay, numa lógica local e regional.

Machado *et al*. (2005) utilizam a noção de "densidade" de modo a subsidiar a delimitação de sub-regiões ou estabelecer tipologias e referem-se à densidade econômica-produtiva, mas, também, à densidade social, cultural-simbólica e étnica. Na zona de fronteira entre Brasil-Paraguai, no trecho entre Porto Murtinho (BR)-Carmelo Peralta (PY) e Fuerte Olimpo (PY), observa-se uma densidade econômica-produtiva no que tange ao abastecimento de alimentos, ao escoamento de minérios e grãos, ao turismo, com perspectiva de fortalecimento dessas dinâmicas devido à construção da rota bioceânica. Destaca-se, entretanto, a densidade social, cultural-simbólica e étnica.

[10] Entrevista de pesquisa concedida por Agostin Duarte, em 2023.
[11] Entrevista de pesquisa concedida por Adela Suárez, em 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Trabalho de Campo proporcionou uma cosmovisão referente à análise da fronteira enquanto limite do Estado e do humano. Observamos várias manifestações e dinâmicas existentes pela demarcação da fronteira internacional entre Brasil-Paraguai e das vicissitudes humanas, desde os povos indígenas, utilizados como tampões do território do Estado e excluídos socialmente, o avanço de uma nova frente pioneira com a construção da ponte sobre o Rio Paraguai que faz parte da obra da Rota Bioceânica e questões relacionadas à cidadania fronteiriça.

Portanto, na relação entre corpo, vida e territorialidade de fronteira, destaca-se um território produzido/reproduzido pela linha/limite da fronteira internacional do Estado e pelas Gentes dos mais diversos Entre-Lugares.

A zona de fronteira Brasil-Paraguai, entre Porto Murtinho (BR)-Peralto Carmelo (PY) e Fuerte Olimpo (PY), mesmo inserida na lógica universal do Estado através da demarcação de fronteiras e limites, expressa particularidades, principalmente, pela presença do Rio Paraguai, que opera como elemento central na compreensão dessa zona fronteiriça, na qual as dinâmicas socioespaciais e socioambientais se perpassam e se hibridizam.

As dinâmicas fronteiriças também evidenciaram que as cidades gêmeas de Porto Murtinho (BR) e Peralto Carmelo (PY) apresentam uma articulação em rede, pois a densidade da articulação dar-se-á não somente pelo vínculo não apenas entre a primeira e segunda cidade, mas com todo o Alto Paraguai, numa lógica local e regional.

Trata-se de um território fronteiriço com densidade econômica-produtiva, mas, para além dessa, destaca-se a sua densidade social, cultural-simbólica e étnica, elemento fundamental para compreendê-lo. Entendendo a identidade como uma construção social-histórica e também geográfica, é uma identidade territorial produzidas pela linha/limite da fronteira internacional com suas dinâmicas socioespaciais, mas, sobretudo, pela dinâmica socioambiental. Assim, na condição de fronteiriças, ribeirinhas,

indígenas e não-indígenas, as gentes produzem/reproduzem com seus corpos a vida na fronteira.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES), Projeto nº 88887.691693/2022-00 (Geografias, o conhecimento e a produção científica em uma área fronteiriça)

REFERÊNCIAS

_____. Ministério da Integração Nacional – Secretaria de Programas Regionais. **Bases para uma proposta de desenvolvimento e integração da faixa de fronteira.** 2010, p. 21-23. Disponível em <http://www.mi.gov.br/documents/4085233/0/BasesFaixadeFronteira.pdf/4c044041-a3d9-4aac-b1fa-f187ca12a276>. Acesso em: 20 de março de 2024.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. O Pantanal entre palavra e imagem: diferentes linguagens na construção de uma paisagem. *In*: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS. 16., 2010, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2010.

FUERTE Olimpo. *In*: GOVERNO DEL PARAGUAY - PARAGUÁI REKUÁI (Portal de Gobernaciones y Municipios República del Paraguay. Portal construido y mantenido por el MITIC). Municipalidad de Fuerte Olimpo (org.). **Fuerte Olimpo**. Alto Paraguay - Paraguay: Portal de Gobernaciones y Municipios República del Paraguay, 2024. Disponível em: https://www.municipios.gov.py/fuerteolimpo/. Acesso em: 23 set. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACHADO, Lia; HAESBAERT, Rogério *et al.* O Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – uma proposta conceitual-metodológica. In**:** OLIVEIRA, Tito C. M. de (org.). **Território sem limites – estudos sobre fronteiras.** Campo Grande: ed. UFMS, 2005.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2 ed. 2009.

PINTO, Gabriela; OLIVEIRA, Denilson. A construção espacial do Corpo: Lutas, Ações e Enfrentamentos. *In*: SILVA, Maria; ORNAT, Marcio; JUNIOR, Alides (org.). **Corpos**

e geografia: expressões de espaços encarnados. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2023. p. 277-307.

SERPA, Ângelo. O trabalho de Campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 7-24, 2006. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/725/608. Acesso em: 23 set. 2023.

VALDEZ, Nolberto. **Artesanía Ayoedie**: Manual de buenas prácticas productivas. Paraguay: Pro comunidades indígenas, 2020.

Recebido em setembro de 2023.

Revisão realizada em outubro de 2023.

Aceito para publicação em março de 2024.